

# O ROMPIMENTO DO ARQUÉTIPO CLÁSSICO DE MULHER INSERIDO NO ROMANCE *AS VELHAS*

Sara Nascimento Passos (UESC)

Vanessa Santos silva<sup>1</sup>

Reheniglei Rehem<sup>2</sup>

**Resumo:** *O artigo presente tem como objetivo descrever a postura das mulheres inseridas no romance As velhas, de Adonias Filho, e analisar a ruptura da representação do gênero feminino, verificando assim, o novo arquétipo da mulher. Considerando a importância da mulher na sociedade atual, esta pesquisa justifica-se no fato de que os arquétipos aqui analisados são representados nas mulheres da sociedade atual. O trabalho foi desenvolvido através da metodologia qualitativo-descritiva dos conceitos de arquétipos femininos na obra. Para fundamentação teórica utilizamos as obras Três estilos de mulher, de Suzana Pravaz (1981); Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades do Brasil Colônia, de Mary Del Priore (1993); Complexo de Cinderela, de Colette Dowling (1995); Os arquétipos e o inconsciente coletivo e Tipos Psicológicos, de Carl G. Jung (1981). Tivemos como resultado a comprovação de que mesmo a história do romance As velhas estando inserida nos tempos primórdios da região cacauieira sul-baiana, as quatro personagens principais do romance são arquétipos de mulher e que cada uma ao seu modo transgredir os valores femininos da época que ainda hoje permanecem.*

**Palavras-chave:** Literatura. Arquétipo. Feminino. Representação.

## 1. Introdução

O trabalho foi desenvolvido na disciplina Literatura do Cacau I, 5º semestre - turma I, ministrada pela professora Dr<sup>a</sup>. Reheniglei Araújo Rehem, O presente artigo teve como objetivo

---

<sup>1</sup> Acadêmicas do 9º semestre do curso de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz e bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência (PIBID).

<sup>2</sup> Professora titular da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Possui graduação em Letras-Vernáculas (Português-Ingês) pela UESC (1987), mestrado em Comunicação e Semiótica (Literaturas) pela PUC de São Paulo (2000) e Doutorado em Teoria Literária pela UFRJ (2007). Atualmente é pós-doutoranda na Université Paris 8 (França).

# IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

estudar a relação de mito e arquétipo com ênfase na obra de Adonias Filho, para assim verificarmos a representação da figura arquetípica da mulher contemporânea inserida do romance *As velhas*, de Adonias Filho; foram analisadas ainda, a ruptura da representação do gênero feminino, verificando deste modo, o novo arquétipo da mulher. Esta pesquisa justificou-se na análise do rompimento dos arquétipos aqui analisados, por meio das quatro personagens principais: as senhoras do romance, que representam de uma maneira sutil, as mulheres da sociedade atual.

As quatro velhas que são as figuras principais do romance, trazem diferenças culturais e étnicas, entretanto, mantêm semelhanças que formam a representação transgressora da figura feminina contemporânea. Por meio das quatro narrações da obra, procurou-se comprovar a nossa hipótese: o rompimento do arquétipo clássico de mulher. Sendo assim, o trabalho foi desenvolvido através da metodologia qualitativo-descritiva dos conceitos de arquétipos femininos na obra. Para tanto, utilizou-se como fundamentação teórica os principais teóricos: DOWLING (1995), JUNG (1981), PRAVAZ (1981) e PRIORE (1993), que darão consistência à nossa hipótese.

## 2. Adonias Filho e o romance *As velhas*

Adonias Aguiar Filho nasceu no município de Itajuípe- BA, em 27 de novembro de 1915 e morreu 02 de agosto 1990. Estudou em Ilhéus e Salvador onde foi colega de Jorge Amado no Ginásio Ipiranga. Adonias foi crítico literário, jornalista, ensaísta e escreveu vários romances, entre eles está a obra *As velhas*.

No romance *As velhas*, Adonias Filhos apresenta aos seus leitores a narração de uma história de bravura, luta, mistério e a figura feminina inserida na selva cacauieira. Com sua escrita fascinante e inovadora, nos apresenta quatro grandes mulheres: Tari Januária, Zefa Cinco, Zonga e Lina de Todos. Essas quatro figuras são representações do novo arquétipo de mulher.

Adonias Filho divide o romance em quatro narrações. A primeira é a história de **Tari Januária**: índia pataxó, da cidade de Itajuípe. No romance é mulher de Pedro Cobra, e mãe de Tonho Beré, de Ita, Moá e Inuá. Tari é umas das narradoras da sua própria história e uma mulher de

# IV S E P E X L E

## seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

grande representação dentro no romance, pois o enredo da obra se origina a partir da sua história, pelo grande desejo dos ossos do seu falecido marido. Tal é a sua importância no romance que ele termina com o retorno do seu filho Tonho Beré regressando da sua trajetória, desvendando o mistério do desejo da sua mãe Tari.

A segunda é a narração de **Zefa Cinco**: mulher branca, de cabelos brancos compridos, da cidade de Almadina. Mulher de Chico Paturi, Zefa teve seus filhos mortos por onça, por “culpa” de Pedro cobra, e para vingar a morte dos seus dois filhos, mata sem piedade o pai de Tonho Beré, filho de Pedro Cobra com Tari Januária. Zefa também é mãe de Asa, sua única filha mulher e é conhecida como Zefa Cinco por matar cinco homens (cangaceiros).

A terceira história é de **Zonga**: mulher negra, filha de escravos, da cidade de Camacã e mãe de Anastácio e de Cristino. É filha de Calupo com Aparecida dois escravos fugitivos que para proteger a filha (que seria vendida ainda pequena), fugiram; Zonga tornou-se esposa de Coé. Conquistou um local de morada com plantações de cacau juntos com Coé e sua mãe Aparecida, porém a ambição de Mariano Dentinho (vendedor), teve que destruir o seu patrimônio e por isso também seu marido Coé foi morto.

E última narração é a de **Lina de todos**: mulher branca de olhos azuis, da cidade de Buerarema: uma das mulheres mais amargas e perversas da obra. Mulher de Timóteo Lapa, o Raposa; tomada pelo ódio, usou sua sensualidade e seu corpo para matar seu marido, visto que ele a usou Lina instrumento para uma aposta de jogo com Zebeleu. Mulher que pela grande decepção com o marido, passou a “vender o corpo”, e não ser mais de um homem só, tendo o seu corpo como objeto para obter terra e plantações de cacau.

Percebemos de fato as diferenças culturais e étnicas dessas quatro velhas, porém carregam muito mais que diferenças, pois representam o arquétipo do poder da mulher cacauzeira. Com efeito, o romance é desenvolvido pela história e luta dessas senhoras da região sul cacauzeira da Bahia. Evidentemente, o autor descreve com clareza e perspicácia como esse papel feminino da época rompe com as barreiras da submissão e da mulher passiva do período.

## 2. O arquétipo clássico feminino

# *IV* **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

Decerto que ao longo da história, mitos vão sendo divulgados e conservados dentro das sociedades e dessa forma, as pessoas incidem na crença fiel em determinados acontecimentos e fazem desses, uma ideia concreta. Essa imagem é conhecida como arquétipo, como define Jung:

“Arquétipo” nada mais é do que uma expressão já existente na Antiguidade, sinônimo de "ideia" no sentido platônico. A imagem primordial, também dita arquétipo, é sempre coletiva, ou seja, é pelo menos comum a povos ou épocas inteiras (JUNG *apud* Barboza, 2009 p.23).

O arquétipo é a forma em que as pessoas reproduzem fixamente ideias míticas e passam a cultivar certos conceitos acreditando que esses, são verdades absolutas, e assim, perpetuam-se as crenças de geração em geração. Dessa forma, podemos verificar dentro do romance *As velhas*, a utilização das quatro velhas como arquétipos, como representação da região e o novo perfil da mulher. Essas senhoras rompem com a ideia de mulher serva e introduzem uma nova representação feminina em que a mulher torna-se o centro da história e norteadora dos resultados finais.

Ao longo dos séculos passados, as mulheres tiveram de uma maneira mais intensa uma representação de submissão em relação ao homem. A figura feminina era vista como ser inferior que deveria prestar obediência aos seus pais e maridos. Não possuíam decisões próprias: seu papel era cuidar dos filhos, do marido, da casa e obedecer tudo que era estabelecido pelos varonis da época. Era um ser passivo, que não tinha voz na sociedade, era considerada um ser frágil, sem poder de interferir nas questões sociais e políticas, sendo considerada incapaz de desenvolver qualquer serviço, que não fosse as tarefas diárias de casa e servir ao seu esposo. Além da submissão do ambiente familiar, deveria seguir as normas da igreja e da sociedade como conforme diz Priore:

[...] além dos homens da igreja, também os médicos endossavam a ideia da inferioridade estrutural da mulher. Herdeiros das concepções antigas e tradicionais, apoiavam-se em Quintiliano, Valério Máximo, Fulgêncio e Platão para repetir que ela era possuidora de um temperamento comumente melancólico, era um ser débil, frágil, de natureza imbecil e enfermeira (PRIORE, 1993, p.36).

# IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

O arquétipo da mulher era de subordinação. Representadas como seres incapazes, apenas úteis para satisfazer aos desejos carnis do homem e servir ao lar, sem permissão de negar qualquer circunstância que para elas não eram satisfatórias, tal como percebemos:

A necessidade de recato e obediência para demonstrar que os apetites femininos podiam ser dominados devia ser imposta mesmo à força. Se o controle e o castigo não fossem humanos, ministrados pelo marido ou pelo confessor, eles viriam do Esposo Divino [...] (PRIORE, 1993, p.131).

Notamos o perfil feminino como senhora do lar e dependente da autoridade masculina, os desejos eram restritos, deveriam manter o modelo de mãe e de esposa, sem romper com as ideias e normas determinadas a estas mulheres clássicas. Pravaz afirma que:

Pensamos que desde as origens da estrutura social em que vivemos existiram mulheres- para -fazer- filhos, mulheres-para-fazer-amor,mulheres-para-lutar, enclausuradas em categorias que as especializam com as vantagens e desvantagens consequentes.(PRAVAZ, 1981, p.19)

Condicionada, a mulher sempre viveu diante de ideias de modelos que serviam à sociedade de alguma maneira, sendo estas, configurada e caracterizada para as tarefas que posteriormente seriam educadas para realizar.

## **5. O romance *As velhas* e a ruptura do arquétipo clássico feminino**

Todavia, as mulheres do romance *As velhas* rompem com a representação de mulheres submissas mostrando que possuem muito mais que ventre para gerar filhos e amamentá-los, muito mais que corpo para satisfazer aos homens feras das selvas do cacau. Mulheres de voz ativa, que lutam, derramam sangue nas terras da ambição, que conduzem seus maridos, quando tudo parece estar indo ao caos. São mulheres que seguram a lágrima e se mostram mais fortes do que o próprio homem e as onças selvagens.

# *IV* **S E P E X L E** seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

Podemos perceber essas marcas, para confirmação do perfil das quatro velhas, a partir de alguns fragmentos da obra:

## **1. Tari Januária**

[...] Tonho Beré vê nas trevas a imagem de Tari Januária. A mãe, velha índia magrinha e baixa, patáxó capaz de roer uma raiva até depois de morta (FILHO, 2004, p.17).

Mãe mandou chamar – exclamara – Mataram o pai. Lágrima jamais houve nos olhos de Tari Januária. [...] Magro, duro, parado, o rosto de Tari Januária. Impossível adivinhar o que sentia ou pensava naquele momento. (FILHO, 2004, p.22).

## **2. Zefa Cinco**

[...] Distante valendo-se do fogo cerrado dos Paturis, Quintino a protegendo das descargas permanente, Zefa não perdia tiro. Aprendera a atirar com o pai, firme olhar nos jagunços, a pontaria infalível (FILHO, 2004, p.47).

[...] Zefa Cinco, com as próprias mãos, retalhou Pedro cobra até a morte. Fez com ele o que as onças fizeram com os filhos dela (FILHO, 2004 p.70).

## **3. Zonga**

[...] Não nem eu nem ele, ninguém sairia do que era nosso. Isso eu disse, gritando, e nos preparamos para guerra (FILHO, 2004, p.105).

Cóe, pai de meus filhos, negro bom e valente, não teve uma lágrima de mulher. A miséria do mundo, de tão grande, secara meus olhos (FILHO, 2004, p.109).

## **4. Lina de todos**

[...] - Serei de todos! – exclamou, gritando, a ordem: - Matem o Raposa, agora, com as mãos ou a machada, que serei de todos! (FILHO, 2004, p.129).

[...] Arrastou o corpo do Raposa, puxando-o pelos braços com enorme dificuldade, até o ribeirão. Empurrou-o para margem, lamaceiro coberto de juncos, os jacarés não demorariam. (FILHO, 2004, p.129).

As citações acima apresentadas mostram a bravura, e a coragem dessas mulheres da região sul cacaueira, mesmo trazendo em suas histórias mistura de raça, crença, religião, valentia e

# IV S E P E X L E

## seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

características que desconstroem a figura da mulher, dona apenas de um lar, mãe de filhos e sem voz na sociedade. Mulheres que semelhantemente tiveram seus maridos mortos. Não se conheciam, porém são ligadas por único destino: luta e desejos. São senhoras de desejos pode-se perceber, através da vontade da velha Tari Januária, pelos ossos do seu marido. E o desejo também de Zefa Cinco, na esperança de encontrar a sua única filha, Asa.

Essas velhas se personificaram no início, como o “necessário” para os que ao seu redor estavam. No entanto, se deixam “transformar” no que realmente era necessário para a sua sobrevivência, seja a sensual, seja a mãe ou a combativa, como esclarecido:

A mulher, poderosa vítima ou frágil dominador, como quer que seja, está orientada para algum problema, algum caminho, alguma identidade, donde lhe é possível existência. As opções oferecidas são claras: a mulher pode vestir-se de esposa, pode vestir-se de fêmea, pode vestir-se de homem. Gozará, a partir de qualquer de uma dessas identidades, de um destino ordenado, de um território definido [...]. Cada uma destas opções lhe permite sobreviver o pedaço de reino que lhe propõe ao mesmo tempo a salvação e o enclausuramento, os Direitos e Deveres. (PRAVAZ, 1981, p.55).

A mulher apresenta o poder de se submeter e de se condicionar a todo tipo de situação que beneficiasse a todos quanto amasse inclusive a si mesma. Ela pode ser a mulher que seduz para atrair as atenções, a que se mostra frágil, mas que defende aos outros e a si. A figura feminina no romance *As velhas* são mulheres que se puseram diante de novas opções de destinos que por muitas vezes não foram escolhidos por elas. Entretanto, mesmo sem pedir, e sem escolher, elas não se subjugarão, pelo contrário, se atreveram a enfrentar todas as circunstâncias que se puseram diante delas e mostraram o novo arquétipo feminino da mulher.

Evidentemente, podemos perceber que Adonias Filho nos mostra um arquétipo contemporâneo inserido em mulheres com posturas distintas daquela época, em que o homem tinha uma voz ativa e poderosa. Visto que, o período cacauzeiro do sul do Bahia, nas terras grapiúnas eram travados por lutas, riqueza e poder concentrados na mão da figura masculina, Adonias na sua obra

# IV S E P E X L E

seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

traz uma visão diferenciada, mostrando aos seus leitores que a mulher é muito mais do que mãe, é uma figura guerreira, ousada diante das circunstâncias que lhes são posta, um arquétipo diferente do esperado pela sociedade da época.

Evidentemente, no atual contexto sócio-econômico-cultural tem sido crescente um sentimento de auto-suficiência por parte do público feminino, sobretudo no final do século XX e início do século XXI, pois podemos perceber, por exemplo, mulheres assumindo, nos últimos anos, a condição de chefes de família dentre outras profissões outrora vistas especificamente para homens. Certa feita, a jornalista Colette Dowling (1981), embasada na Psicologia do Desenvolvimento relatou:

As meninas iniciam o jogo da vida um passo adiante dos meninos. Elas são mais habilidosas verbal, perceptual e cognitivamente. Desde o nascimento elas contam com uma vantagem, em termos desenvolvimentistas, equivalente a quatro ou seis semanas. (DOWLING, 1995, p. 92)

Diante disso, percebemos a evolução que ao longo do tempo a figura feminina conquistou, dando ruptura aos arquétipos clássicos implantados pela sociedade. As mulheres contemporâneas trazem consigo uma nova representação feminina como são apresentadas na obra *As velhas*.

Podemos perceber que no enredo que se desenrola no tempo dos desbravadores do cacau – aproximadamente final do século XIX, é apresentado um exemplo de mulher que está à frente do homem no quesito “desenvolvimento”, como nota-se no episódio em que Zonga via seu marido Coé ser extorquido durante anos a fio pelo inescrupuloso Mariano Dentinho, que sempre aproveitava da ignorância daquele para tomar todo o dinheiro da plantação de cacau – um dinheiro suado – alegando que ainda era insuficiente para quitar suas dívidas do armazém. “Contar sei pouco, conto nos dedos das mãos, mas não era difícil adivinhar que o sujeito do armazém vinha roubando a gente há muito tempo.” (FILHO, 1982, p. 81).

Notamos novamente mais uma marca dessa ruptura clássica que Adonias nos apresenta em seu romance. A mulher como chefe, dominadora, dona do seu próprio discurso e desejos. É como se o autor de *As velhas* quisesse imprimir, aliás, antever uma nova tendência comportamental que se

# IV S E P E X L E

## seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

efetivaria cem anos depois, a qual corroboraria a psicóloga Lunalva Fiúza Chagas (2010): “Ser feminina é construir uma condição própria de perceber a vida amparada no instinto, na experiência e na razão advinda da reflexão e não apenas repetir padrões de comportamento ou modismos.”.

### Considerações finais

Por tudo isso, obtivemos como resultado a comprovação de que mesmo a história do romance *As velhas*, estando inserida nos tempos primórdios da região cacauzeira sul-baiana, as quatro personagens principais do romance são arquétipos de mulher e que cada uma ao seu modo transgride os valores femininos da época que ainda hoje permanecem, ou seja, o arquétipo de mulher submissa ao homem. Conseguimos perceber que o romance rompe com o arquétipo clássico, e assim, as mulheres grapiúnas são mostradas numa nova visão de feminino que seduz, mata, domina e se mostram à frente dos homens de sua época. Adonias apresenta sua obra com uma visão diferenciada da região cacauzeira, cheia de ação, sangue, com uma nova ideia de herói e representações femininas. Os arquétipos femininos apresentados na obra caracterizam a representação contemporânea que expõe a independência, audácia, sagacidade e rebeldia desse novo papel feminino que ao longo do tempo conseguiu conquistar e romper com o molde clássico e superado da mulher.

### Referências

ADONIAS FILHO. *As velhas*. São Paulo: DIFEL, 1982.

ADONIAS FILHO. *As velhas*. Romance. 2 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.

ADONIAS FILHO. *As velhas*. Romance. 3. ed. Rio de Janeiro, 2004.

CHAGAS, Lunalva Fiúza. *Ser feminina*. Disponível em:

<<http://www.integral.br/artigos/resultado.asp?categoria=43&codigo=211>> Acesso em: 11 jun. 2010.

*IV* **S E P E X L E**  
seminário de pesquisa e extensão em letras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ  
Campus Soane Nazaré de Andrade  
21 a 23 de Maio de 2012

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo**: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

DOWLING, Colette. **Complexo de Cinderela**. São Paulo: Melhoramentos, 1995.

JUNG, Carl Gustav. In: BARBOSA, krassuski Livia. **A santa, a prostituta e a amante Infeliz**: as imagens simbólicas do feminino de Edvard Munch, sob abordagem da psicologia analítica de C. G. Jung. SP: 2009. Disponível em:

[http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bia/33004013063P4/2009/barboza\\_1k\\_me\\_ia.pdf](http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/bia/33004013063P4/2009/barboza_1k_me_ia.pdf)  
. Acesso em: 10 maio 2012.

JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. 4. edição. Editora Zahar. Rio de Janeiro, 1981.

PRAVAZ, Susana. **Tres estilos de mulher**: a doméstica, a sensual, a combativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

**Dicionário crítico de Análise Junguiana:**

Disponível em:

<http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/..%5C..%5Cdicjung%5Cverbetes%5Carquetip.htm>. Acessado em: 03 maio 2010.